

Adriano visitou *Londinium*.
Quem notou?

Adriano visited *Londinium*.
Who noticed?

Renato Pinto¹



Resumo: Adriano visitou *Londinium* em 122 EC, possível primeira parada de sua *expeditio Britannica* à província da *Britannia*. Segundo as fontes, escassas, buscava apaziguar os ânimos ou reestabelecer, pela força, a ordem na ilha, onde havia sinais de descontentamento. Seu maior feito durante a missão foi o da construção da muralha que hoje leva seu nome, obstáculo que visaria separar romanos de bárbaros. Mas não conhecemos bem qual foi a demanda que o fez ir até lá e o cenário que encontrou em *Londinium*. Adriano pode ter procurado debelar uma grande revolta ou apenas criar o *limes* mais setentrional do império, mas sua saída, no mesmo ano, também pode ter desencadeado o aumento da tensão entre britões e romanos, a ponto de causar, pouco tempo depois, a eclosão de uma possível rebelião desastrosa para *Londinium*, na forma de um incêndio. Os efeitos de tais transformações podem ser visualizados na estratigrafia das escavações e, também, na “paisagem” das práticas mortuárias nos limites da cidade. Por meio de autores que se debruçaram sobre essas conexões e relatórios de escavações sobre *Londinium*, pretendo relatar conflitos observáveis nas práticas mortuárias, e trazer propostas ao seguimento dos estudos sobre a presença romana na *Britannia*.
Palavras-chave: *Britannia*; *Londinium*; *expeditio britannica*; incêndio Adriânico; crânios do Walbrook.

Abstract: Hadrian visited Londinium in 122 CE, a possible first stop on his *expeditio Britannica* to the province of *Britannia*. According to scarce sources, he sought to appease the mood or forcefully restore order on the island, where there were signs of discontent. His greatest achievement during the mission was the construction of the wall that now bears his name, an obstacle that would have sought to separate Romans from barbarians. But we do not know very well what the demand that made him go there was and the scenery he found in *Londinium*. Hadrian may have sought to quell a major uprising or just create the



northernmost limes of the empire, but his departure, in the same year, may also have triggered an increased tension between Britons and Romans, to the point of causing, shortly afterwards, the outbreak of a possible disastrous rebellion for Londinium, in the form of a fire. The effects of such transformations can be seen in the stratigraphy of the excavations and also in the “landscape” of the mortuary practices in the city limits. Through authors who have focused on these connections and excavation reports on Londinium, I intend to report conflicts reflected in the mortuary practice, and bring proposals to follow-up studies on the Roman presence in Britannia. **Keywords:** Britannia; Londinium; *expeditio britannica*; Hadrianic Fire; Walbrook skulls.

Renato Pinto
Adriano visitou Londinium. Quem notou?



Introdução

A pergunta do título é meramente retórica. A ideia é chamar a atenção para um tema que ainda oferece um vasto campo a ser explorado. A despeito do objetivo pretendido com a pergunta, talvez eu possa trazer uma resposta a ela, ao final. Por falar em final, é por um final que devo começar.

O final do governo de Trajano, em 117², significou a retomada do olhar romano para a província da *Britannia*. Até então, Trajano procurara expandir seu império para o leste, entre a Dacia e a Mesopotâmia, removendo tropas de outras províncias, caso da *Britannia*. Adriano, sucessor de Trajano, teria sido o imperador que abriu mão dessa expansão para criar ordem no império, apaziguá-lo, consolidar suas fronteiras. Ficou famosa a construção da muralha, que mais tarde seria associada ao seu nome, ao norte da *Britannia*. Despende tanta energia para criar uma fronteira na província tão distante pode parecer estranho, mas Roma, ao longo de sua história, considerou essa região bastante importante, ainda que tenha havido oscilações no seu apreço. Sem contar Júlio César, a *Britannia* teria sido visitada por imperadores ou seus herdeiros: Cláudio, Adriano, Septímio Severo, Caracala, Constâncio I, Constantino e outros em missão militar, como Vespasiano, Tito, Pertinax, Gordiano I e talvez Teodósio I (MATTINGLY, 2007, p. 176).

O Imperador Adriano era um viajante. Passou pouco tempo em Roma. Proclamava seus gostos arquitetônicos sempre indissociados das impressões do arbítrio das armas de suas legiões. Suas viagens mostraram que um provinciano – pois teria nascido na *Hispania* – poderia governar com êxito o império e aplicar-lhe suas proclividades estéticas sem se afastar jamais dos legionários e da disciplina militar. No entanto, tudo isso veio ao custo de seu relacionamento com o Senado, relação que provou ser mortífera para alguns senadores. Apesar de certa oposição, Adriano parece ter logrado permanecer no poder até sua morte natural, mantendo um aspecto que pode ser tido como de continuidade do respeito ao Principado, um movimento de recuperação da instituição iniciado com Nerva e sustentado por Trajano. À posse de Adriano, em 117, o império não apresentava a pressão das populações fronteiriças que seus sucessores teriam de encarar, ao menos não com a mesma intensidade. Pairava um sentimento de paz e a historiografia pode, por vezes, corroborar esse discurso. Todavia, não seria Adriano que mudaria as estratégias romanas de dominação, e para isso basta olharmos para os conflitos na *Iudaea*. Adriano não foi nada tolerante com os seus opositores, importante dizer. Uma coisa era não



expandir o império, outra era ser condescendente com rebeldia contra a ordem romana. Mostrar força não era em nada uma ação obsoleta e Adriano tinha sede por momentos grandiosos. Seu governo não começou fácil, foi acompanhado de rumores de que ele não deveria ter sido o herdeiro de Trajano. Precisaria, então, consolidar-se como legítimo governante. As expedições militares de Adriano também demonstraram que a partir daquele momento Roma não era mais fixa. Ela acompanhava as marchas de seu *princeps* (SALWAY, 1993, p. 126). Levar a paz ao império era também mostrar o poder da união sob nova gerência. A bem da verdade, Adriano não precisaria procurar com muito afinco por locais onde sua disciplina poderia ser aplicada de maneira exemplar. Havia diversos focos a serem debelados e não era tão difícil identifica-los. Na *Britannia*, por exemplo, as coisas não pareciam estar muito bem. Podem ter sido conflitos internos ou ainda a presença de populações do norte da ilha que teriam tentado se aproximar das áreas tomadas pelos romanos. Não há consenso nas fontes sobre as origens das alterações, mas indicam que Adriano chegou à *Britannia* em sua expedição em 122 e lá construiu uma muralha. Essa visita é conhecida por alguns como a *expeditio Britannica*, embora tal nomenclatura não seja aceita por todos e nem saibamos ao certo quando exatamente aconteceu ou se teria havido mais de uma *expeditio*.

A presença da corte romana nas províncias contemplava reformas e disciplinamento; a escolha de um governador de província confiável era, também, fundamental. Adriano levou consigo seu amigo, Aulo Platório Nepo, para substituir o antigo governador Pompeu Falco (BIRLEY, 2013, p. 132). Ou seja, não foi uma expedição despida de cuidadosa elaboração. O grande feito de Adriano na *Britannia* foi a construção da muralha, que poderia ser usada como *limes* entre a parte ocupada pelos romanos até então e as populações tidas como bárbaras³, do outro lado da divisa. A construção da muralha é incontornável na historiografia sobre a *Britannia*, mas aqui o foco recairá na cidade de *Londinium*, que teria sido a capital da província em algum momento. Em *Londinium* as preparações para a visita do imperador podem ter começado anos antes de sua chegada, e o fórum e a basílica da cidade são considerados duas das mais impressionantes construções da época. No fórum poderia ter sido colocada uma estátua em bronze de Adriano e o culto à sua família poderia ser parte da vida cotidiana de muitos habitantes da região.

Adriano ficou na *Britannia* pouco tempo, e deixou a ilha em 122, no mesmo ano em que chegou, para cumprir obrigações cujas especificidades desconhecemos. Aparentemente, a rebelião que encontrou estaria debelada,



mas pode ser que resquícios dela acarream novos incêndios, literalmente. As escavações realizadas em *Londinium* apontam para um “horizonte Adriânico” de destruição pelo fogo na estratigrafia do solo. A datação não é exata, mas poderia ser de 125, ou seja, poucos anos após Adriano ter deixado a ilha, mas ainda durante seu principado. Grande parte da cidade parece ter sucumbido às chamas. Inclusive o fórum. Contudo, não sabemos ao certo se o incêndio foi fruto de sedição ou acidente. Nos meses e anos que se seguiram ao incêndio, trabalhos de reconstrução podem ser observados. E, também, o fortalecimento de espaços para cemitérios. Os mortos acabam por perfazer outro horizonte para a cidade. Centenas de crânios desarticulados foram encontrados em pontos de acumulação na região do Walbrook, rio hoje inexistente na superfície. A maneira como os crânios foram depositados pode apontar para deslocamentos naturais (tafonomia), devido à sua forma arredondada, ou coleção de cabeças (culto à cabeça decepada), ou, ainda, maneira de punição (decapitação e exposição). Uma conjectura que parece plausível é a de que tal quantidade desproporcional de *crania* sem seus esqueletos pode estar ligada a uma rebelião aniquilada pelos romanos poucos anos depois da visita de Adriano. Caso seja essa uma solução plausível, a própria estátua de Adriano no fórum pode ter sido destruída durante a comoção.

Fazendo uso das poucas fontes escritas da Antiguidade que podem ser úteis, a *Historia Augusta*⁴ em especial, e de estudos arqueológicos recentes, mormente trabalhos que tratam da cidade de *Londinium* numa perspectiva bibliográfica (HINGLEY, 2018; PERRING, 2022), procurarei atualizar os debates a respeito da visita de Adriano e de suas consequências socioculturais mais imediatas. Com isso, meu recorte não prevê avaliar mais do que cinco anos após a saída do imperador, em 122. As fontes escolhidas servirão para enfatizar as ações militares e sociais promovidas por Adriano na ilha, e também as possíveis respostas dos britões⁵ à visita. Do mesmo modo, as práticas mortuárias em *Londinium* servirão de ponto nodal de debates a respeito das vidas de habitantes locais e oficiais romanos no compartilhamento ou não de práticas culturais e sociais daquele segmento do mundo romano. A visita de Adriano a *Londinium* e seus efeitos subsequentes podem nos mostrar que o governo de Adriano não teve apenas na *Iudaea* um grande foco de resistência às suas proposições de domínio. Os descontentamentos podem ter sido muito mais disseminados, algo que quebra a ideia de harmonia associada ao seu governo.



Fontes sobre Adriano e a *expeditio Britannica*

As fontes escritas sobre a vida de Adriano são escassas e pouco confiáveis. A historiografia sobre a vida dos césares tem em Suetônio seu maior representante, mas sua obra não alcança Adriano, embora o biógrafo tenha servido em sua corte. Suetônio Tranquilo assumiu cargos administrativos em Roma durante o governo de Adriano, e pode acessar farta documentação para suas biografias dos príncipes, porém nada fala sobre este imperador. Sobre a ida de Adriano à *Britannia* e seus efeitos, a literatura antiga se cala. Nem em Díon Cássio encontramos detalhes da missão. Há um profundo silêncio nas fontes textuais entre a saída do governador Agrícola e o final do séc. III. Será a controversa obra *Historia Augusta* que se consolidará como fonte para o período de Adriano – desde sua ascensão ao trono em 117 – até o governo de Carino, morto em 285 (MATTINGLY, 2007, p. 27). A obra de caráter biográfico não oferece dados confiáveis no geral, com poucas exceções. Todavia, ao menos o período dos governos de Adriano até o de Caracala apresenta informações mais verossímeis. Fato marcante, das fontes conhecidas, o autor da *Historia Augusta* é o único a associar corretamente a construção da muralha no norte da ilha ao imperador Adriano⁶ (MATTINGLY, 2007, p. 27). Ainda assim, é necessário ratificar que a *Historia Augusta* é uma obra deveras extemporânea à presença de Adriano na *Britannia*. O melhor recurso é fazer uso de epigrafia e da cultura material, como apontarei mais adiante.

De acordo com a *Historia Augusta* (SHA, *Hadr.* 5.2), Adriano precisou enfrentar inúmeros episódios de sublevações quando de sua ascensão ao poder. As rebeliões afloraram no oriente, na *Iudaea*, mas, também, na *Britannia*, a ponto de lá ter ocorrido um número consternador de baixas nas legiões. A historiografia confina aos primeiros anos de Adriano, algo entre 117 e 120, as invasões mais alarmantes ao território da *Britannia*, episódios aos quais se sucederam sua visita em 122 e a construção da muralha fronteiriça à guisa de *limes* imperial (MATTINGLY, 2007, p. 119).

Assim, logo ao início de seu principado, Adriano tratou de garantir sua presença física nas áreas conturbadas e organizou expedições militares de natureza apaziguadora e/ou disciplinar. Em seu roteiro de viagens pelo império estava a *Britannia*, criando, desta forma, uma *expeditio Britannica*, que pode ter tido como seu apogeu a chegada do próprio imperador à ilha. Tratava-se de uma considerável distância a ser vencida pelo cortejo imperial a partir de Roma, e ao mundo romano de então tal arrojo não escaparia da percepção de



que Adriano mimetizava outros grandes conquistadores (BIRLEY, 2013, p. 132). Em um movimento que poderia concorrer com o de Alexandre, o conquistador macedônio em sua marcha para o leste, Adriano chegava, *mutatis mutandis*, à província mais longínqua da fronteira norte do Império Romano.

Uma fortaleza no norte da *Britannia*, chamada de Vindolanda, pode oferecer algumas pistas sobre a condição da província pouco antes da chegada do imperador. Nessa fortaleza foram encontradas as já famosas missivas em pequenas tábuas trocadas entre soldados e oficiais que prestavam serviço naquela província e seus superiores, parentes e amigos em outros locais do Império Romano, estudadas há décadas por Alan Bowman e David Thomas (1996)⁷. Quase que a totalidade das tábuas com inscrições de Vindolanda, descobertas por escritas entre o momento do fim da gestão do governador Agrícola e a construção da Muralha de Adriano. São cartas trocadas entre soldados, oficiais, seus parentes e amigos que se encontravam em outras províncias ou fortificações no império. Relacionam-se ao cotidiano de uma fortificação que antecede a construção da Muralha de Adriano e não estão focadas em comentar os aspectos políticos da *Britannia*. Basicamente, oferecem uma micro-história de Vindolanda e suas conexões com o restante do império. Em compensação a essa possível limitação, provêm centenas de nomes de oficiais e soldados do exército romano, além de nome de civis e de mulheres da época (BIRLEY, 2013, p. 130).

A questão é que as cartas de Vindolanda, a despeito de seu baixo potencial revelador sobre a gestão política da ilha, formam um *corpus* documental valioso sobre a vida entre militares e civis do norte da *Britannia* para o período entre Domiciano e Adriano, no qual as fontes literárias a respeito da província são por demais escassas. Não se sabe se Adriano esteve pessoalmente em Vindolanda, mas o rascunho de uma carta de protesto escrita por um homem estrangeiro que fora agredido por um centurião parece apelar ao imperador por justiça (BIRLEY, 2013, p. 134; FUNARI; PINTO, 2004). Contudo, a ideia de que o reclamante se dirigiria a Adriano não é consenso (BIRLEY, 2013, p. 56).

A respeito dos conflitos em Vindolanda antes da visita de Adriano em 122 ou próxima desta época, uma lápide funerária talvez indique a morte de um centurião chamado Tito Ânio nesses embates iniciais (BIRLEY 2013, p. 135; *RIB* III, 3364) assim como um monumento romano em Jarrow, cidade próxima do rio Tyne, anuncia a fuga dos inimigos, a reconquista da província e, por fim, a construção da muralha. Existem inscrições (DESSAU, 1892, p. 539, 541; *ILS* 2726 e *ILS* 2735) que aludem ao envio de comandantes para a *Britannia* com



o fito de substituir perdas de oficiais na *expeditio Britannica*, tendo um deles, Pôncio Sabino, levado consigo uma tropa de três mil soldados destacados das legiões VII *Germina*, VIII *Augusta* e da XXII *Primigenia*, chegando, talvez, em 122, junto do próprio imperador. Por fim, uma inscrição na base de uma estátua em *Camerinum*, na Itália, indica que um oficial equestre chamado Mênio Agripa teria recebido honras do deificado Adriano por sua participação na *expeditio Britannica* (BIRLEY, 2013, p. 132).

O reforço de dois oficiais traz à tona a referência do retórico Marco Cornélio Frontão (*de Bello Parthico* 2; SHA, 5,11) a um número elevado de baixas sofridas pelos romanos nos embates com os britões no período de Adriano (MATTINGLY, 2007, p. 119-20). O orador Frontão menciona em uma missiva datada de 162 direcionada a Marco Aurélio que muitos soldados romanos haviam sido mortos na *Iudaea* e na *Britannia* durante o reino de Adriano. Estas referências levaram alguns historiadores modernos a imaginar que a IX *Hispana* teria sido dizimada nesta ocasião (BIRLEY, 2013, p. 132; HODGSON, 2021, p. 103).

Segundo Frontão, as perdas seriam comparáveis entre si e, portanto, seguindo as estimativas de Dión Cássio (69.14.1) para as consequências desastrosas da revolta na *Iudaea*, estaríamos flertando com números próximos de 580 mil vidas perdidas em cada revolta. Muitíssimo longe de ser algo ordinário, portanto. A *Historia Augusta*, por sua vez, menciona que Adriano teve dificuldades para controlar a *Britannia*, mas não estabelece algo desta magnitude (ELLIOTT, 2021, p. 114-117; PERRING, 2022, p. 238; SHA, 5.2). Quando esses conflitos com os britões teriam ocorrido ou sido debelados? À chegada de Adriano? Não há como precisar. Se houve um número tão elevado de mortos durante o governo de Adriano, como a historiografia pode ser tão econômica?

Aqui, não bastasse ser escassa, a historiografia se depara com outros problemas. O mais iminente consiste em datar tais ocorrências militares na *Britannia* e tentar ordená-las cronologicamente (MATTINGLY, 2007, p. 120-1). Uma reavaliação do percurso das carreiras militares de Agripa e de Sabino lança dúvidas sobre a possibilidade de terem se deslocado à *Britannia* antes do final dos anos 120. As datações do *cursus honorum* de cada um deles impossibilitaria que a *expeditio Britannica* mencionada nas duas inscrições tivesse ocorrido no início do principado de Adriano, e, portanto, teria de se referir a uma missão militar mais tardia, ocorrida talvez por volta de 127. Anthony Birley (2013) discorda de tal conclusão e argumenta que esses oficiais poderiam facilmente ter chegado à *Britannia* mais cedo. Outro motivo para sua descrença é o fato de que o termo “*expeditio*” está associado, na maior parte das vezes, à presença



do próprio imperador na missão militar, e, por isso, estaria ligado de forma incontornável ao momento de visita em 122 (BIRLEY, 2013, p. 132). Mas mesmo isso é conjectural, longe do consenso. Assim, para além do período que antecede a visita de Adriano, há uma sugestão de que outros conflitos significativos irromperam na província pouco tempo após a sua chegada (MATTINGLY, 2007, p. 120). A questão continua em aberto.

Há, todavia, outros pontos a favor de uma expedição militar no início do governo de Adriano. Quando chegou à ilha, a legião VI *Victrix* parece ter feito dedicatórias em forma de dois altares a duas divindades aquáticas, Netuno e Oceano, nas proximidades de uma ponte criada em homenagem a Adriano e à sua família, a *Pons Aelius*, sobre o rio Tyne. Nepo teria trazido consigo a VI *Victrix* da *Germania Inferior*. Também no Tyne, em sua margem sul, na cidade de Jarrow, fragmentos de uma inscrição que poderia ter sido um discurso de Adriano foram encontrados em uma igreja. Pode ser inferido que o discurso falava da dispersão dos inimigos e da construção de uma muralha que ia de um oceano ao outro (BIRLEY, 2013, p. 132).

Durante os governos de Domiciano e de Trajano, a *Britannia* não foi prioridade. Mesmo a tão propagada eficácia da gestão do governador Agrícola não gerou maior interesse na corte em Roma. De fato, no principado de Trajano, legiões estacionadas próximas da fronteira norte da ilha foram frequentemente deslocadas para o continente com o fito de fortalecer a luta romana em sua segunda guerra contra os dácios (105 – 106). Assim, não há evidências de que a província estivesse sob iminente ameaça nos primeiros anos do séc. II (BIRLEY, 2013, p. 131).

Em algum momento após o ano de 114 foi a vez da malfadada legião IX *Hispana* (ou parte dela) ser removida da *Britannia* e levada ao continente, talvez para dar retaguarda aos movimentos de tropas direcionadas contra a Pártia. Durante muito tempo se busca pelo destino desta legião, cercada de mistérios. Não sabemos ao certo quando deixou a *Britannia*, mas parece impossível que tenha sido totalmente aniquilada na ilha durante os primeiros anos do principado de Adriano uma vez que há relatos de oficiais pertencentes a ela em meados dos anos 120 vivendo em outros locais do continente, em especial, na *Germania Inferior* (BIRLEY, 2013, p. 132). Nick Hodgson (2021, p. 97), argumenta que apenas uma pequena porção da IX *Hispana* teria deixado a *Britannia*, e que o restante, muito possivelmente, tombara em batalha na ilha nos primeiros anos logo após 120.

Não sabemos ao certo quem governava a *Britannia* em 117, mas sabemos que



Adriano imediatamente enviou para lá um novo governador, Pompeu Falco. Todavia, Adriano logo substituiu o governador Falco por Platório Nepo, seu amigo. Neste ponto, a revolta já teria sido debelada.

A Muralha de Adriano

Se os relatos a respeito da *expeditio Britannica* encontrados na *Historia Augusta* forem tomados como minimamente críveis, a função da muralha teria sido a de separar romanos de bárbaros (SHA, 11.2). A ideia de criar um significativo obstáculo físico de fronteira aos chamados invasores do norte é fruto da natureza lacunar do controle desta região da província. Mas essa é uma afirmação muito simplista.

A construção da Muralha de Adriano, como ficou conhecida, ganhou notoriedade enquanto um grande e complexo esforço militar para montar uma fronteira artificial (*limes*) na área mais setentrional do império, ainda que não tenha sido um fenômeno exclusivo da *Britannia*, dado que Adriano iniciara o estabelecimento de limites entre o Reno e o Danúbio, antes mesmo de desembarcar na ilha, entre 119 e 129 (BIRLEY, 2013, p. 133; SHA, 12.6). O autor da *Historia Augusta* explica que, de maneira geral, onde não havia meios naturais de separação entre o Império Romano e os bárbaros, Adriano criou divisões artificiais no formato de muralhas ou paliçadas (BIRLEY, 2013, p. 133; SHA, 12.6).

Com uma extensão de quase cento e dezoito quilômetros, a estrutura da Muralha corta o norte da Inglaterra – próximo do que séculos depois seria a atual fronteira entre a Inglaterra e Escócia – de leste a oeste e demorou por volta de dez anos para ser finalizada (HINGLEY, 2012, p. 17; SALWAY, 1984, p. 175-82). Contava com inúmeras fortificações ao longo de sua extensão, com ou sem passagens para travessias entre os dois lados, de variadas configurações e diversos propósitos militares, e que deveriam oferecer guarita aos soldados e oficiais. Alguns desses fortes tornaram-se, por vezes, vizinhos de assentamentos civis (*uici*) (HINGLEY, 2012, p. 23, 28). Mesmo antes de sua construção, já havia na região uma estrada para uso militar (Stanegate) e, ao longo desta, fortificações, como a de Vindolanda.

A edificação foi construída com pedras e massa feita de turfa, materiais comuns naquela região. O que é chamado de Muralha de Adriano é, na verdade, um composto de estruturas paralelas e/ou adjacentes que vão desde a muralha (*curtain wall*) em si, a parte mais visível hoje, passando por rampas, montes



artificiais, cercas, estradas e segue até uma grande e profunda vala (até dez metros de largura e seis metros de profundidade, em alguns pontos). Embora não se saiba ao certo, já que toda a estrutura sofreu algum dano com o passar do tempo, a altura da muralha teria alcançado aproximadamente três metros e meio (HINGLEY, 2012, p. 24-25, 27). Pedras comemorativas (*milestones*) encontradas ao longo da muralha indicam que três legiões romanas (II *Augusta*, VI *Victrix* e a XX *Valeria Victrix*) estiveram envolvidas nos trabalhos de construção, possivelmente com a ajuda (espontânea ou não) de outros trabalhadores civis do sul da ilha, talvez mais de quinze mil trabalhadores (HINGLEY, 2012, p. 19, 21; HOBBS; JACKSON, 2010, p. 43).

De acordo com Richard Hingley (2012), mesmo quando creditada grande parte das fontes textuais antigas sobre a *Britannia*, não estava de todo demonstrado que Adriano teria sido o idealizador da muralha. Como argumenta o estudioso, somente com as escavações arqueológicas do início do séc. XX foram dirimidas as dúvidas e Adriano despontou como seu mentor. A própria maneira como a muralha teria sido chamada na Antiguidade ainda é incerta, embora hoje existam indícios arqueológicos de que os romanos se referissem à estrutura como *uallum Aelium* (muralha de Adriano, sendo *Aelium* uma referência à família de Adriano: *Aelia*) (BIRLEY, 2013, p. 133; HINGLEY, 2012, p. 17).

Os trabalhos de construção e de manutenção continuaram após a visita de Adriano, que pode ter se utilizado da grandiosidade da linha de fronteira como um instrumento de poder para melhor disciplinar as tropas e impressionar os subalternos do império. Contudo, para alguns especialistas, o Império Romano não precisaria da muralha para proteger uma região que já controlava com eficácia ao início do séc. II (HINGLEY, 2012, p. 30). Teria a muralha sido uma obra meramente simbólica? Marcaria uma linha final do Império? Há, hoje, indicações do contrário. Para além do impacto visual da estrutura, tida como extraordinária até hoje, símbolo do poderio militar em mobilizar e movimentar legiões pelo Império, Anthony Birley (2013, p. 133) ressalta que estudos arqueológicos mostram efetivos preparativos para uma defesa ferrenha da muralha por parte dos romanos e, assim, pode muito bem ser que os oficiais sentissem que alguma ameaça palpável ao seu *imperium* pudesse ser retida pelo obstáculo físico. O *imperium* no séc. II não era mais apenas uma noção da expressão algo subjetiva do poder, mas ganhara ares de domínio territorial (CLINE; GRAHAM, 2012, p. 304). Todavia, não se pode imaginar que os romanos se sentissem presos pelos limites traçados por eles mesmos: o Império Romano nascera para ser *imperium sine fini*, tanto no poder



das suas múltiplas e mortíferas legiões, exercido sobre outros povos, quanto no comando de vastas regiões. Não há muita margem para dúvidas, e disso nos lembra bem Virgílio na epopeia de Eneias (*Eneida*, 6.851-3). Por certo, também na *Britannia*, a arrojada empresa de Adriano, dotada de desbravamento épico, não colocou em cheque tal destino em momento algum. De fato, logo após a morte do imperador, em 138, as tropas romanas de seu sucessor, Antonino Pio, movimentaram-se sem nenhum prurido rumo ao sul da *Caledonia* (Escócia), bem a montante da muralha de seu antecessor (BIRLEY, 2013, p. 133; HOBBS; JACKSON, 2010, p. 4; SHA, *Ant. Pius* 5.4).

Já foram propostos vários motivos para a construção da muralha: desde instrumento de pacificação, prática de “romanização” para a população do lado do império, espetáculo para o público interno, ocupação e disciplina as tropas e, rechaçar as invasões que poderiam vir do norte (BIRLEY, 2013, p. 133). Descobertas recentes apontam para uma real expectativa de ataques maior na fronteira do lado oriental da região, próximo ao local da cidade moderna de Newcastle. Dificilmente seria possível argumentar que a muralha não tivesse um propósito simbólico de poder, e, entre as opções, a pacificação só poderia vir pela ameaça do uso de força⁸.

Adriano em Londinium

No verão de 122 Adriano visitou a *Britannia* em seu roteiro de expedições militares. Londinium, é provável, foi sua primeira parada na ilha. A preparação para a primeira grande jornada de seu governo teria se iniciado bem antes. Acredita-se que Adriano teria saído de Roma em algum momento entre o final de abril e o fim de agosto de 121. Passou primeiro pela *Gallia*, depois *Germania* e, então, *Britannia*. Após a *Britannia*, ainda em 122, teria seguido para o sul da *Gallia* e, finalmente, para a *Hispania* (GRAAFSTAL, 2018, p. 79). Pensa-se que à chegada de Adriano teria havido grande alarido, com “sacrifícios, procissões e jogos” (PERRING, 2022, p. 159). O imperador estaria acompanhado de seu novo governador, Platório Nepo e uma bem preparada guarda pretoriana, algo de pompa mesmo, um grande *entourage*. Ainda, estaria acompanhado da imperatriz Sabina e de seu secretário, Suetônio Tranquilo, o famoso autor das biografias dos Césares. Deve ter se hospedado na casa do governador ou do procurador da província. Em troca, pode ser que tenha elevado a condição de *Londinium* à de colônia. Mas isso é incerto.

Roger Tomlin (2006) apoia esta hipótese e se baseia em uma placa de mármore



encontrada em casas de banho perto de Huggin Hills em 1989. Poucas letras sobraram, mas poderiam indicar que o nome de *Londinium* carregava consigo o anexo de sua nova condição de colônia. O fragmento é uma placa comemorativa em mármore de Purbeck (extraído da região de Dorset, na Inglaterra) no qual podem ser observadas apenas seis letras: [...] *max* | [...] *nia*. Tomlin propõe que pode ser uma dedicação ao imperador Adriano, e que a frase completa seria: [*pont (ifci) max(imo) | [colo]nia [Aelia Augusta Londinium]*]. Possivelmente, uma homenagem à posição de Pontífice Máximo de Adriano e uma menção ao novo status da cidade, agora “Colônia”. Sabemos que *Londinium* adquiriu o nome de *Augusta* em algum momento e o termo *colonia* faria parte de seu novo nome. As datas para a inscrição e para a ascensão de *Londinium* à condição de colônia não estão bem estabelecidas e “permanecem conjecturais”. Apesar disto, acumulam-se argumentos de que *Londinium* passou a ser a capital da província da *Britannia* em algum momento durante o governo de Trajano (BIRLEY, 2013, p. 134; PERRING, 2022, p. 159). Todavia, as termas são, possivelmente, de período trajânico e, portanto, pode ser que ao tempo da chegada de Adriano, *Londinium* já havia sido agraciada por tal honra. Tudo, portanto, está ainda cercado de alguma especulação.

Adriano alterou a paisagem de *Londinium*, onde inúmeras edificações do período flaviano foram demolidas e substituídas por um maior complexo urbano, e com a construção de um forte permanente na cidade, projetos provavelmente iniciados como parte dos preparativos para a chegada do imperador à província em 122 (SALWAY, 1984, p. 185-6). Não temos todos os dados sobre essas transformações urbanas, infelizmente. Tudo é muito lacunar. Mais certa é a construção de um novo fórum para *Londinium* ao início do séc. II. Deveria substituir o acanhado edifício construído à época dos Flávios. Os novos muros do fórum seriam monumentais em comparação. O espaço era amplo e permitia dar vazão ao trânsito de uma cidade já marcada como grande empório. Na parte norte do fórum, ao fundo, encontrar-se-ia a basílica principal, também de avantajadas dimensões. A concepção data do governo de Trajano, mas as edificações ao norte só foram finalizadas ao tempo de Adriano (PERRING, 2022, p. 159-160).

O poder na província emanava, em grande medida, do jogo de forças existente entre o governador e o procurador romanos. Nas basílicas, estes oficiais poderiam distribuir bens aos mais pobres ou propagar seus discursos, que poderiam ou não refletir a vontade de Roma, ainda que riscos de denúncias fossem sempre muito grandes. Assim, as basílicas eram locais de assembleia pública e diversos



escritórios e arquivos imperiais poderiam ocupar seus espaços nelas. Cobranças de impostos e acordos comerciais também poderiam ocorrer no interior de basílicas, perto das quais prisões existiram, uma lembrança de admoestações desagradáveis aos potenciais sonegadores, seguramente. Um local de grande movimentação de oficiais, escribas e parte da população local ou de pontos mais longínquos da província. A corte do governador poderia ocupar esses espaços, portanto. No caso da basílica de *Londinium*, podemos apenas presumir tais atividades e usos, pois não possuímos fontes textuais ou arqueológicas que possam indicar de forma taxativa como o espaço foi utilizado (PERRING, 2022, p. 162).

Mas o fórum era, acima de tudo, um instrumento ideológico do império. Local onde a hierarquia do poder estaria muito bem demarcada. O governo dos césores poderia ser observado por todos os lados. A presença era física mesmo, no formato de estátuas, que garantiam ao imperador e à sua família a deificação em vida. O culto imperial se fazia presente com a colocação estratégica de estátuas do imperador e de outras divindades lado a lado no fórum (PERRING, 2022, p. 163). Não deveria haver dúvidas a respeito de quem governava e quem era governado.

Aproximadamente quinze fragmentos de estátuas de bronze foram encontrados nas escavações arqueológicas de Londres. Representariam ao menos cinco personalidades romanas. Dois destes fragmentos parecem ter vindo do fórum. O mais importante deles é a cabeça em tamanho pouco maior que real do imperador Adriano, algo em torno de 42 cm de altura (LAING, 1997, p. 127; PERRING, 2022, p. 163), encontrada no leito do Tâmsa em 1834, perto da *London Bridge*. A estátua parece ter sido esculpida em uma oficina local, a partir da imagem de uma moeda (OPPER, 2008, p. 43). Hoje no Museu Britânico, a cabeça feita de bronze, oca, foi arrancada do restante de sua estátua de forma contundente e nada preocupada com os efeitos estéticos causados pela separação das partes. Parece ter sido um ato de fúria e a cabeça pode ter sido jogada no rio de maneira ritualística, vingativa e de expurgação contra Roma e/ou o próprio imperador. Atacar uma estátua poderia equivaler a atacar a própria figura representada. Roma possui uma bem marcada historiografia sobre a prática da decapitação de estátuas, a *damnatio memoriae* (PERRING, 2022, p. 163, 256; VARNER, 2005) e a ação pode ter eco na deposição de crânios humanos em rios da cidade, em variados momentos (ver discussão mais adiante). Sabemos que se trata da cabeça de Adriano por causa da presença da barba e de outras características físicas, ligadas à aparência dos lóbulos de suas



orelhas, que possuíam vincos (OPPER, 2008, p. 43), associados, potencialmente, a síndromes hereditárias.

Datar a construção do fórum e da basílica é uma tarefa muito complexa e acaba em certa frustração. As evidências arqueológicas indicam que as obras do novo fórum devem ter sido iniciadas por volta de 106, talvez um pouco antes. Houve grande demanda de trabalho de engenharia no estabelecimento dos alicerces para as edificações. A proximidade com a margem norte do rio Tâmis gerou enormes desafios, pois o solo, em diversas partes brejoso, demandava tratamento específico contra infiltrações. Ainda, as obras do Fórum e da Basílica Principal parecem ter sido promovidas devido ao empenho evergético da elite da *Britannia*, canalizado pelo procurador romano. A chegada do Imperador Adriano ao poder e sua associação a profundas construções e renovações arquitetônicas no império deve ter também fomentado muitas reformas na área portuária de *Londinium* (PERRING, 2022, p. 164-166).

Algo tenebroso, contudo, estaria por vir. Acidental ou provocado, um grande incidente destruiria praticamente toda a cidade: um devastador incêndio na porção existente à margem norte do rio Tâmis em *Londinium* durante o governo de Adriano.

O Incêndio Adriânico

Logo após a visita de Adriano em 122, em algum momento ainda de seu principado, um grande incêndio devastou a maior parte de *Londinium*. Este evento de proporções catastróficas deixou uma marca bem visível nas camadas estratigráficas da cidade. Um “horizonte” de amplo material calcinado do incêndio se estende por toda a área de assentamento a partir da margem norte do Tâmis. O incêndio não parece ter atingido substancialmente a parte ao sul do Tâmis de *Londinium*, a região atual de Southwark (PERRING, 2022, p. 235).

A despeito da alta capacidade destrutiva, o incêndio chamado de “Incêndio Adriânico” (*Hadrianic Fire*) não é quase documentado. De fato, não fossem as escavações arqueológicas, nada saberíamos dele. E isso é surpreendente. Pouca coisa sobrou de *Londinium* após as chamas vorazes. Entre as edificações poupadas pelo fogo está o anfiteatro, talvez porque sua estrutura de madeira teria sido retirada para a nova construção em alvenaria que estava por vir (PERRING, 2022, p. 235).

A partir da descoberta de um armazém com vasto material vascular arretino, a datação do incêndio aponta para o ano de 125, ou seja, três anos após a visita



de Adriano (HINGLEY, 2018, p. 118). Os vasos recuperados indicam data e local de fabricação. Dendrocronologia e estudos arqueomagnéticos, se articulados com outros resultados, apresentam um intervalo plausível entre 125 e 130 para o incêndio maciço. Mas pode ter acontecido entre 110 e 180 (PERRING, 2022, p. 237). Os problemas com a datação do incêndio são tão complexos que seria mesmo viável supor que houve dois e não apenas um incêndio de grande porte, separados por poucos meses ou anos (HINGLEY, 2018, p. 116, 118-119; PERRING, 2022, p. 237).

De acordo com Dominic Perring (2017, p. 49), a partir dos registros arqueológicos, é possível sugerir, cautelosamente, que o incêndio destruiu o novo fórum e, talvez, a nova basílica de *Londinium*. Mas, ao menos a sugestão de que o fórum e a basílica foram danificados é defendida (PERRING, 2017, p. 52). Já Richard Hingley (2018, p. 118, 120), em sua obra recente sobre a cidade, por exemplo, não está tão inclinado a apontar indícios a favor da destruição do fórum e não chega a tecer maiores considerações sobre a extensão das danificações. A falta de dados mais confiáveis sobre o alcance do incêndio é inegável, mas não deve paralisar proposições sobre o alcance do incêndio, a quantidade deles ou suas motivações. Seja como for, as escavações também apontam para esforços de recuperação do edifício (PERRING, 2022, p. 247).

Por volta de 127 o intenso trabalho de reconstrução da cidade teve seu início. A historiografia tende a tratar o incêndio de Adriano como um acidente. Todavia, em um acidente, o salvamento de algumas estruturas localizadas na direção contrária ao vento a partir de seu epicentro são esperadas. No caso do horizonte estratigráfico em questão, não é esse o caso. A destruição é basicamente total em qualquer direção, exceto ao sul do Tâmis, como já mencionado, sendo o caudaloso rio a própria barreira física às chamas. Além disso, as obras de reforma pós-incêndio são muito semelhantes àquelas usadas pelos romanos após a rebelião de Boudica (60/61). São obras de fortificação reforçada, abertura de novas estradas para escape ou envio e chegada de tropas pelo norte, melhorias portuárias e reconstrução e aumento de prédios oficiais. Há, ainda, um elemento mais tétrico: o aumento de corpos encontrados nos arredores da cidade sem um enterramento ordenado. A possibilidade de estarmos diante de uma imensa rebelião passa a ser cogitada (PERRING, 2022, p. 237-238). Essa ideia se contrapõe à percepção de que o início do governo de Adriano foi de harmonia, apaziguamento e prosperidade no império. Desta maneira, pode ter havido uma grande revolta na *Britannia*, mas não sabemos ao certo quando, por que e tampouco qual teria sido seu alcance territorial.



Por certo tempo, a historiografia entendeu que esta insurreição teria ocorrido logo ao início do governo de Adriano, por volta de 117, e estaria concentrada ao norte da província, próximo da *Caledonia*. A partir da reavaliação cronológica de inscrições epigráficas relativas a dois oficiais militares, Mênio Agripa e Pôncio Sabino, que teriam participado de uma *expeditio Britannica*, a revolta parece ter ocorrido alguns anos após a visita de Adriano, não antes. John Casey (1987) atenta para a cunhagem sucessiva de moedas a partir Alexandria que parecem comemorar vitórias militares de Adriano na *Britannia*. Os períodos consecutivos seriam os anos de 124/125 e 125/126. Isso sugere um período prolongado de conflitos na ilha. As datas indicam tentadora aproximação àquela do possível “incêndio de Adriano”. A interpretação das moedas não é consensual, importante mencionar (PERRING, 2022, p. 238-239).

Londinium estava em meio a grandes reformas antes do incêndio, provavelmente por causa da própria visita imperial. Melhorias em toda a infraestrutura na província estão também aparentes na descoberta da cultura material do período. Ainda, podemos supor que a frota provincial romana de navegação logística *Classis Britannica* pode ter sido bastante utilizada para o transporte de material para a construção da muralha (PERRING, 2022, p. 239) e para o envio de diversos tipos de materiais para as obras de *Londinium*.

Não está no escopo deste trabalho o detalhamento dos trabalhos de recuperação da cidade. O arqueólogo Domenic Perring (2022) tem se debruçado sobre o tema nos últimos anos e oferece detalhes destes desdobramentos. Todavia, seus estudos a respeito dos famosos crânios do rio Walbrook, o incêndio e possíveis associações ao destino da já mencionada estátua em bronze de Adriano merecem lugar aqui, sem que seja preciso entrar em todos os detalhes, pois há muitos e nem todos servem aos propósitos desta discussão. Para análises mais verticais, a leitura de sua obra é o indicado.

Os Crânios do Walbrook e as Divisas mortuárias

Uma importante atividade que merece a atenção dos arqueólogos é a da instalação de cemitérios em *Londinium*, em especial, ao início do séc. II. Isso porque as necrópoles acabam por marcar os limites da extensão urbana de cidades no mundo romano. No caso de *Londinium*, não há muitos dados que permitam estabelecer uma cronologia ou corpora de argumentos para a criação desses espaços periféricos (HINGLEY, 2018, p. 108-109). A área imediatamente ao norte dos limites de *Londinium* era propensa a alagamentos no período romano. Isso se dava por causa do relevo e dos tributários do Walbrook, rio que



não existe mais na superfície uma vez que foi praticamente todo soterrado ou transformado em canais de esgoto no séc. XIX (BARTON, 1996).

Ali, no que hoje é conhecido arqueologicamente como o vale superior do Walbrook, foi instalado um cemitério, o que parece ser um contrassenso já que uma considerável parte das inumações poderia aflorar com a movimentação das águas, gerando um espetáculo pouco agradável aos observadores. Os romanos costumavam ser avessos a qualquer perturbação aos mortos e os sepultamentos deveriam ocorrer fora do pomério (*pomerium*), a fim de evitar uma infestação de fantasmas. Desta forma, a construção de uma estrada sobre a área no período de Adriano que poderia conduzir até a cidade de *Verulamium* (hoje St. Albans) gera debates. As estradas eram associadas à movimentação de comerciantes, suas carroças e de tropas. No local, há bastante material arqueológico que comprova intensidade em nada desprezível destes tráfegos (PERRING, 2022, p. 249).

Da mesma forma, farto material de vestígios humanos de uso forense pode ser achado no segmento mais próximo a *Londinium*. O problema aqui é a maneira como alguns corpos foram depositados, sem cuidado, algumas vezes, ou com apenas parte de seus esqueletos no local. Não seria razoável imaginarmos que a reconhecida necrofobia romana tivesse apenas uma forma de manifestação. Embora, em linhas gerais, segundo a historiografia, o tratamento dos corpos merecesse cuidados específicos e o manuseio de cadáveres precisasse ficar restrito a pessoas especialmente escolhidas para tais funções mortuárias, sob o risco de consequências funestas, podemos apenas imaginar a enorme variedade interpretativa para tais fobias ou rituais em áreas fora e distantes de Roma, por exemplo:

[A] tradição romana preconizava que os corpos fossem sepultados para além do limite consagrado (*post moerium*, além muro, daí *pomerium*) das cidades. O mundo dos vivos e o dos mortos estava separado um do outro, e assim deveria ser, ao menos até o advento e a predominância do cristianismo. A morte implicava alguma forma de poluição, da qual se afastavam até mesmo os deuses [...]. O assunto não era em nada trivial e as autoridades religiosas romanas frequentemente intervinham na maneira como os mortos deveriam ser sepultados. [...] A separação entre mortos e vivos, além de física, era social: aqueles que tinham atribuição oficial de tocar os corpos dos mortos a fim de sepultá-los (os *libitinarii*) não poderiam assumir cargos públicos e suas ações eram reguladas pelas *leges libitinaria* [...]. Os mortos



precisavam ser constantemente lembrados a fim de que não se sentissem solitários nas covas. Um morto abandonado poderia se tornar algo muito temido pelos romanos, um fantasma! Desta forma, o local prioritário para os cemitérios estava às margens das estradas principais, pois isso facilitaria as visitas de viajantes e parentes aos túmulos dos falecidos, diariamente, ou em datas festivas. Esta tradição funerária teria sido aplicada, também, na *Britannia* (PINTO, 2017, p. 380).

A despeito da necrofobia dos protocolos romanos, é possível argumentar que nem sempre a separação entre o reino dos mortos e dos vivos foi respeitada geograficamente em *Londinium* (HINGLEY, 2018, p. 109). O cemitério do vale superior do Walbrook na área norte de *Londinium* pode ser usado como exemplo para os enormes desafios interpretativos de estudiosos dos temas mortuários na *Britannia*. O local de enterramento no vale superior do rio Walbrook foi escavado entre os anos de 1987 e 2007 pela equipe do *Museum of London Archaeology* (MOLA) e por seus predecessores do *Department of Urban Archaeology* (DUA). A área das escavações equivale ao local conhecido hoje como Finsbury Circus, no norte de Londres. Os trabalhos realizados pelos arqueólogos do MOLA no vale superior do Walbrook ressoam os achados de muitos crânios desarticulados (sem os ossos *postcranium*) por antiquários e funcionários da empresa de esgotos de Londres desde o final do séc. XIX e o cemitério. Localizado em uma área de pouca drenagem, periférica, o cemitério oferece intrigantes possibilidades interpretativas a respeito das práticas mortuárias do período do final do séc. I até o início do III em *Londinium* e na *Britannia* sob ocupação romana (HARWARD; POWERS; WATSON, 2015, p. xv).

O cemitério continha por volta de 30 cremações e mais de 100 inumações, com alto número de esqueletos masculinos, na razão masculino: feminino de 4:1, e com sub-representação de adultos envelhecidos (PERRING, 2022, p. 249). Não há presença de caixões de madeira praticamente, há aspectos de grande simplicidade e as covas apresentam semelhança com outras necrópoles encontradas em *Londinium* no mesmo período. Todavia, o achado de dois indivíduos com argolas de ferro em seus tornozelos é desviante e abre novos caminhos interpretativos ligados a punições e/ou rituais religiosos de inumação. O fato de o cemitério estar em região sujeita a alagamentos e a resultante (acidental?) exposição dos corpos na superfície faz espécie entre os estudiosos, também. Havia outros lugares disponíveis, em tese. Mas teria havido alguma



restrição às inumações no vale do Walbrook? Até o momento não há evidências de imposições por parte das autoridades municipais. De fato, parece haver certa presença da intervenção do estado romano na criação da necrópole, como drenagens, mas tais intervenções não são de todo bem compreendidas pelos arqueólogos (HINGLEY, 2018, p. 110).

Um aspecto já proverbial e pitoresco ligado aos restos mortais encontrados no vale do Walbrook é a da presença significativamente desproporcional de crânios humanos em comparação com material osteológico *postcranium* (HARWARD; POWERS; WATSON, 2015, p. xv). Há muito se debate o porquê desta aparente e intrigante desproporção. Poderiam ser o resultado de decapitações, de coleção de cabeças, de rituais religiosos específicos ou, simplesmente, de turbações tafonômicas, como as correntezas advindas de enchentes sazonais, ou de drenagens, por exemplo (HINGLEY, 2018, p. 110). O relatório de escavação da equipe do MOLA aponta para a última interpretação como a mais aceitável, ainda que possa parecer prosaica diante de possibilidades mais instigadoras. Dominic Perring, por sua vez, traz à tona nova interpretação para os crânios do Walbrook e, em alguma medida, mantém acesa a luz que pode iluminar outras vertentes interpretativas, além de por em disputa os resultados do relatório da equipe do MOLA para explicar a presença de tantos crânios desarticulados nas regiões ao alcance do rio Walbrook (PERRING, 2022, p. 252).

Para Perring, alguns aspectos do cemitério do vale superior do Walbrook apontam para um cenário muito característico do uso da violência de confrontos, de alguma maneira de expurgo ou conspurcação para os corpos ali depositados, em especial no *perimortem* ou no *postmortem*. O autor lista práticas que considera irregulares nas práticas funerárias, como o número elevado de inumações em um momento que considera ser mais adepto das cremações: “lembrando-nos que uma cova cavada rapidamente era a forma mais barata de se desfazer de um corpo” (PERRING, 2022, p. 250) enquanto a cremação exigia preparo e maiores dispêndios com o procedimento, que deveria queimar os tecidos moles, porém preservar os ossos. Além disso, estaria presente a pira e haveria uma cerimônia específica, algo mais custoso. Ainda assim, seria importante refinar os argumentos referentes a uma possível transição de cremação para inumação, um processo que não está comprovado num contexto maior na província (HINGLEY, 2018, p. 109).

Aproximadamente um quinto das inumações do vale superior do Walbrook possuía enxoval funerário e nestas, a representatividade etária e de sexo estava mais bem estabelecida. Perring desvia sua atenção para outras inumações ou



presenças de corpos em outros locais perto do vale do Walbrook, mais a leste, onde foram descobertos seis corpos datados por meio da assembleia achada nas covas entre os anos de 140 e 160. Três deles eram de jovens entre 18 e 35 anos, dois homens e uma mulher, que haviam sido decapitados, talvez por espadas. As análises dos ângulos dos cortes ósseos apontam consistentemente para a forma de execução, estando as vítimas, provavelmente, ajoelhadas no momento do golpe (PERRING, 2022, p. 250). Para Perring, não restam dúvidas de que estamos diante de vítimas de punições militares e execuções. Todavia, o autor não logra explicar porque alguns corpos teriam tido melhor tratamento em suas inumações e ainda assim haviam sido enterrados tão próximos de condenados, com marcas contundentes de suas condições sociais diversas.

Os relatos dos famosos “crânios do Walbrook” remontam à era medieval, mas foi ao final do séc. XIX que os trabalhos de reformas urbanas no subterrâneo de Londres, próximos de Finsbury Circus, revelaram um sem número de exemplares. À época, não houve uma contagem cuidadosa do número de *crania*, mas em escavações subsequentes mais de 300 foram encontrados. Alguns têm marcas de submersão demorada em solo alagado e a maior parte deles é de difícil datação, talvez do período anterior ao da construção da muralha de *Londinium* (c. 200) e por volta de 120-160. Dos que foram mais cuidadosamente estudados, pode-se notar uma significativa desproporção a favor de jovens homens adultos e com sinais de violência. Os números impressionam. Muitos dos crânios parecem ter sido removidos de outros locais e então depositados na água, mas não há certezas sobre a prática ou o porquê dela. O acúmulo de *crania* nesta área banhada pelo rio Walbrook pode ser um fenômeno tafonômico, como já mencionado, ser o resultado de práticas ritualísticas ou de expurgo de corpos de pessoas punidas por algum motim, por exemplo. Perring disputa a ideia de erosão ou alagamentos serem capazes de dar conta da quantidade de *crania* encontrada. Para o autor, “o argumento de que centenas de crânios foram levados de roldão pelas águas para o Walbrook a partir de covas mal posicionadas é simplesmente insustentável” (PERRING, 2022, p. 250-252). A deposição tão desproporcional de cabeças de homens jovens indica atos deliberados e intensos de práticas mortuárias no período após a debelação da Revolta de Boudica (60/61).

Com o passar do tempo, o número de achados de crânios só faz crescer, tanto em regiões próximas de Finsbury Circus como em outros locais adjacentes, e em fossos e aterros de depósitos votivos ou de descarte ao longo do curso do rio Walbrook rumo ao Tâmis. As descobertas mais recentes também



apresentam material ósseo com marcas de presença de animais necrófagos e de espostejamento, o que indicaria, possivelmente, a prática de canibalismo. Outros mostram marcas que remetem a certo cuidado na reenumação ou tratamento ritualístico desta parte anatômica, fato que, por sua vez, traz consigo a ideia de culto e colecionismo de cabeças decepadas (PERRING, 2022, p. 252-253). Estaríamos diante de costumes tidos como “celtas”? O termo “celta” é muito genérico, incapaz de dar conta de um complexo sistema de culturas, mas autores antigos fizeram referências à prática da decapitação e do culto da cabeça decepada em vários locais ao norte da *Galliae* e da *Germania* (Tácito, *Ann. I*, 61; Diodoro Sículo, *V*, 29,4; Estrabão, *IV*, 4-5). As forças auxiliares do império, que tiveram suas origens nestas áreas, estiveram envolvidas também em batalhas alhures e a famosa Coluna de Trajano mostra cenas de soldados romanos oriundos da região das *Galliae* carregando, entre os dentes, pelos cabelos, cabeças decepadas dos rebeldes dácios.

As cabeças podem ter se tornado troféus para os vitoriosos ou de respeito para outros. Os sinais de trauma em alguns crânios podem, ainda, ter sido resultado de lutas de *noxii* no anfiteatro de *Londinium*, em contexto de execuções e jogos gladiatoriais (REDFERN & BONNEY, 2014). Todas essas possibilidades são, contudo, observadas com muita cautela. As fontes são fragmentárias ou ineficientes para nossos propósitos. Não há provas concretas, o que não significa que não possamos ou devemos mobilizar tais questionamentos e apresentar sugestões interpretativas. Uma grande revolta popular na cidade ou na província no período do governo de Adriano poderia oferecer oportunidades para tais práticas. Vale lembrar que a maioria dataria do período adriânico (PERRING, 2022, p. 252-255).

Embora não se possa pensar que os processos tafonômicos áqueos estejam ausentes de muitos dos deslocamentos de *crania*, é altamente improvável que a enorme quantidade deles e da faixa etária envolvida não remetam a outros fatores. O rio Walbrook pode ter funcionado como um canal de expurgo de corpos de rebeldes, rejeitados em cemitérios de *Londinium* por exemplo. Ou um local de deposição mais simples e barato, apenas isso. No entanto, o rio pode ter funcionado como um local de prática ritualística relacionada ao culto de cabeças. O anfiteatro romano da cidade, próximo do rio Walbrook, era um símbolo poderoso do poder romano e significava um local potencialmente mortal para os rebeldes. A área alagadiça no seu entorno não deve ter passado despercebida a quem poderia querer depositar ali os crânios ou mesmo corpos inteiros longe dos olhos das autoridades ou para o desonroso esquecimento,



talvez.

O Walbrook teria funcionado como uma espécie de *pomerium* natural para *Londinium*. Para Perring, a massiva quantidade de crânios na cidade, datados do ao séc. II, e as marcas na estratigrafia, apontam para um “massacre Adriânico” (PERRING, 2022, p. 255-256). Já para Hingley, as cabeças poderiam ter sido usadas para demarcar territórios tidos como limítrofes, quer seja do ponto de vista geográfico quanto espiritual (2018, p. 114). Tal prática poderia abespilhar aqueles mais suscetíveis à necrofobia romana, mas os rituais ou comportamentos ligados às atividades mortuárias na Britannia poderiam variar bastante daquelas encontradas nos textos clássicos romanos.

Negar um sepultamento adequado a alguém poderia significar uma alta punição, assacando àquela pessoa uma grande mácula, algo reservado aos acoimados por traição, por exemplo. Assim como acontecia em Roma, há indícios de que tais punições possam ter ocorrido na *Britannia* tanto durante quanto antes da invasão dos romanos. As cabeças poderiam ser cortadas e postas em espetos, exibidas ao público como um sinal do que significariam atos de rebeldia contra o poder ou a ordem social que imperava. Era um exercício que visava punir os culpados mesmo após a morte (PERRING, 2017, p. 43-44). Os restos poderiam ser consumidos por animais e sujeitos a toda forma de abuso que seus verdugos desejassem.

Desta maneira, como já dito, os “crânios de Walbrook” poderiam ter sido troféus dos romanos como também, objetos colecionados ou venerados pelos nativos. Não há hoje como termos certeza. Sua quantidade desproporcional no vale do Walbrook continua sendo um tema importante de pesquisa.

De volta ao Incêndio Adriânico e demais considerações

Seria agora o momento de retomarmos a questão do incêndio em *Londinium* em algum momento após a visita de Adriano. Pode ser que a prática de culto à cabeça decepada e/ou de deposição desta parte do corpo em áreas alagadas e liminares esteja presente, também, na decapitação ritual de estátuas. A cabeça em bronze de Adriano, achada no Tâmisia pode ter sido um exemplo disso. Algo nada desprezível. Sua estátua estaria no fórum romano, como já descrevemos, e foi desmembrada em algum momento, embora não possamos estabelecer ainda exatamente quando. A historiografia costuma indicar que a estátua teria sido vítima de atos iconoclastas saxônicos, já na Antiguidade Tardia, embora nada possa comprovar isso (HINGLEY, 2018, p. 126; PERRING, 2017, p. 52; TOYNBEE,



1964, p. 51). Seja como for, o desmembramento da estátua do imperador Adriano aponta para um ato iconoclasta e pode ser que seja um importante sinal de descontentamento da população nativa com a presença romana, incrementada pela visita imperial pouco tempo antes. O corte da cabeça da efígie poderia haurir a força vital do próprio governante romano, submetendo-a ao abuso de seus possíveis opositores (VARNER, 2005).

De acordo com Perring (2022, p. 256), se falamos aqui de um ato iconoclasta que teria ocorrido alguns anos após a visita de Adriano, por volta de 125/6, então o episódio poderia dar peso à hipótese de que o incêndio de *Londinium* foi um ato de hostilidade, além de aludir ao depósito de cabeças em áreas alagadiças ou rios como parte de sua expiação ou veneração (PERRING, 2017, p. 47). Sobre a estátua de Adriano no fórum e seu destino no Tâmsa, conclui Perring:

The statue from which the head had been roughly hacked was intended to be viewed from the front and likely to have stood prominently within a niche in the contemporary new forum. Most scholars have assumed that the head was removed from the statue in late antiquity, probably by iconoclasts. There is, however, no evidence for this. **Since forum and basilica were extensively damaged by fire in the Hadrianic period, it is difficult to see how the statue would have escaped destruction at this time unless it had been moved.** This suggests an alternative context for the events that resulted in its decapitation and the disposal of Hadrian's head in the waters of the Thames. There are other instances of heads being removed from imperial statues and thrown into rivers in ritual acts of desecration analogous to the abuse vested in trophy heads. Here the decapitation of the imperial image mirrored corpse abuse and could have symbolised the rejection of Hadrian's imperial authority, while also drawing on wider practice in the ritual disposal of body-parts from bronze statues in water to expel spirits from the image. This event could have happened soon after the statue was first erected rather than centuries later, hence unintentionally saving the head from fire damage (PERRING, 2017, p. 52, grifo nosso)⁹.

Esta colocação parece ser bastante verossímil para corroborar o incêndio proposital e contrapõe a historiografia tradicional que costuma dar pouco crédito à possibilidade de uma grande conflagração na *Britannia* logo após a



visita de Adriano. Há mesmo muitas incertezas, mas o pouco que temos pode ser valioso para novas perguntas. Mesmo nosso conhecimento da gestão política da ilha após a saída do imperador é muito insubstancial. O governador Platório Nepo foi substituído por Trébio Germano por volta de 127, mas não temos mais detalhes sobre suas ações na província (BIRLEY, 2013, p. 134).

Se, de fato, o incêndio destruiu ou danificou em muito o fórum de *Londinium*, e a estátua do imperador Adriano havia sido ali depositada desde a fundação do edifício, então sua mutilação poderia ser associada ao séc. II, mais precisamente, a um grande incêndio por volta de 125. Parece-me que esse encadeamento explica de maneira mais convincente os achados arqueológicos. Desta maneira, a visita de Adriano teria afetado de forma significativa a vida na *Britannia*, não apenas pela construção da muralha, mas também nas respostas que os habitantes teriam dado às ações relacionadas ao aumento da presença imperial romana na província. Muita gente na *Britannia* parece ter notado a visita de Adriano, portanto. É melhor resposta que posso oferecer por ora. Não há ainda um grande grupo de estudiosos que tenha criado consenso sobre os efeitos da presença de Adriano na ilha, mas aqueles autores que têm dedicado grande parte de suas produções recentes sobre o tema estão aqui mencionados. O diálogo ainda é restrito pela quantidade de estudos publicados. A ideia aqui foi oferecer uma visão mais geral do tema, ainda que esteja claro como a proposição de Dominic Perring (2017; 2022) parece a mim aquela que traz, até o momento, a melhor análise das questões propostas.

Como dito, a muralha por si só e seus impactos culturais e políticos desde a Antiguidade são objetos de muitas análises no meio acadêmico. Neste texto, todavia, a cidade de *Londinium* ganhou o maior destaque. Sendo considerada por muitos a capital da província, isso estaria explicado. Apesar das incertezas que permanecem, os crania do Walbrook e o comentado horizonte do incêndio adriânico em *Londinium* perfazem importante conexão nodal para mais estudos a respeito das práticas sociais e culturais dos britões frente à ocupação romana. A enorme diversidade identitária e cultural em *Londinium* forma um emaranhado rizomático que deve ter sido, ao mesmo tempo, afetado pela presença de Adriano e sua corte e agente de transformação coetânea ou vindoura. Está no cruzamento de tais elementos o desafio de novas pesquisas sobre a presença de Adriano em *Londinium*.



Referências

BARTON, Nicholas. *The lost rivers of London: their effects upon London and Londoners, and those of London and Londoners upon them*. 2nd. ed. Londres: Historical Publications Ltd, 1996.

BIRLEY, Anthony. Britain under Trajan and Hadrian. In: OPPER, Thorsten (org.). *Hadrian: art, politics and economy*. Londres: The British Museum, 2013. p. 130-138.

BOWMAN, Alan K.; THOMAS, J. David. New Writing-Tablets from Vindolanda. *Britannia*, vol. xxvii, 1996, p. 299-328.

CASEY, P. John. The coinage of Alexandria and the chronology of Hadrian. In: HUVELIN, Hélène; CHRISTOL, Michel; GAUTIER, Georges (org.). *Mélanges de numismatique offerts a Pierre Bastien à l'occasion de son 75e Anniversaire*. Wetteren: Cultura Press, 1987. p. 65-72.

DÍON CÁSSIO: *Roman History*. [S. l.: LacusCurtius], 2022. Disponível em: https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/home.html. Acesso em: 30 set. 2022.

CLINE, Eric H.; GRAHAM, Mark William. *Impérios Antigos - da mesopotâmia à origem do Islã*. São Paulo: Madras Editora, 2012.

DESSAU, Hermann. *Inscriptiones latinae selectae*. [S. l.]: Berolini Apud Weidmannos, 1892. Disponível em: <https://archive.org/details/inscriptioneslat01dessoft/mode/2up>. Acesso em: 30 set. 2022.

DIODORO SÍCULO. *Library of history: book V, continued*. [S. l.: LacusCurtius], 2017. Disponível em: https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Diodorus_Siculus/5B*.html. Acesso em: 30 set. 2022.

ELLIOTT, Simon. *Roman conquests Britain*. Yorkshire: Pen & Sword Military, 2021.

ESTRABÃO. THE GEOGRAPHY of Strabo: literally translated, with notes, in three volumes. London: George Bell & Sons, 1903. [(Book 5, chapter 2, section 7)]. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

FRONTONIS (FRONTÃO), Marcus Cornelii. *Epistulae [De Bello Parthico]*. [S. l.: s. n., 2022]. Disponível em: <http://epistol.glossa.dk/fronto.html#parth>. Acesso em: 30 set. 2022.



FUNARI, Pedro P. A.; PINTO, Renato. Inscrições latinas da província romana da Bretanha. *Revista Letras Clássicas*, São Paulo, n. 8, p. 149-55, 2004.

GRAAFSTAL, Erik. What happened in the summer of A.D. 122? Hadrian on the British Frontier – Archaeology, Epigraphy and Historical Agency. *Britannia*, London, v. 49, p. 79-111, 2018.

HARWARD, Chiz; POWERS, Natasha; WATSON, Sadie. *The upper walbrook valley cemetery of Roman London: excavations at Finsbury Circus, City of London, 1987-2007*. London: MOLA, 2015.

HINGLEY, Richard. *Hadrian's wall: a life*. Oxford: OUP, 2012.

HINGLEY, Richard. *Londinium: a biography: Roman London from its origins to the Fifth Century*. Londres: Bloomsbury, 2018.

HOBBS, Richard; JACKSON, Ralph. *Roman Britain*. London: The British Museum Press, 2010.

HODGSON, Nick. The end of the ninth legion, war in Britain and the building of Hadrian's wall. *Britannia*, London, v. 52, p. 97-118, 2021.

ILS - Inscriptiones Latinae Selectae. In. DESSAU, Hermann (Org.) *Inscriptiones Latinae Selectae*. Berlim, 1892-1916, 3 vols. Disponível em: <https://archive.org/details/inscripcioneslat01dessuoft>. Acessado em 30/09/2022.

LAING, Jennifer. *Art & Society in Roman Britain*. Frome: Sutton Publishing, 1997.

MATTINGLY, David. *An imperial possession: Britain in the Roman Empire, 54 BC-AD 409*. Londres: Penguin. 2007.

OPPER, Thorsten. *The Emperor Hadrian*. London: The British Museum Press, 2008.

PERRING, Dominic. *London in the Roman World*. Oxford: OUP, 2022.

PERRING, Dominic. London's Hadrianic War?. *Britannia*, London, v. 48, p. 37-76, 2017.

PINTO, Renato. Os crânios do cemitério do Vale Superior do Walbrook: tafonomia e ritos. *Revista M.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 375-395, 2017.

REDFERN, Rebecca; BONNEY, Heather. Headhunting and amphitheatre combat in Roman London, England: new evidence from the Walbrook Valley. *Journal of*



Archaeological Science, New York, v. 43, p. 214-226, 2014.

REVELL, Louise. *Ways of being Roman: discourses of identity in the Roman west*. Oxford: Oxbow Books. 2015.

RIB 3364: tombstone for Titus Annius [...]. [London]: Roman Inscriptions of Britain. RIB III – *Roman Inscriptions of Britain, vol. III*. <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/3364>. Disponível em: <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/3364>. Acesso em: 20 set. 2022.

SALWAY, Peter. *The Oxford illustrated History of Roman Britain*. Oxford: OUP, 1993.

SALWAY, Peter. *Roman Britain*. Oxford: OUP, 1984.

SHA – SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. In: THE HISTORIA AUGUSTA. [S. l.: LacusCurtius], 2019. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/home.html. Acesso em: 20 set. 2022.

TÁCITO, Públio Cornélio. *The Agricola*. Trad. Rev. H. Mattingly. London: Penguin, 1970.

TÁCITO, Públio Cornélio. *The annals and the Histories*. [London]: Encyclopaedia Britannica, 1977.

TOMLIN, Roger Simon Ouin. Was Roman London ever a colonia?: the written evidence. In: WILSON, R. J. A. (ed.). *Romanitas: essays on Roman archaeology in honour of sheppard frere on the occasion of his ninetieth birthday*. Oxford: Oxbow Books, 2006. p. 40-64.

TOYNBEE, Jocelyn. *Art in Britain under the Romans*. Oxford: OUP, 1964.

VARNER, Eric R. Execution in effigy: severed heads and decapitated statues in Imperial Rome. In: HOPKINS, Andrew; WYKE, Maria. *Roman bodies: antiquity to the 18th Century*. Rome: The British School at Rome, 2005. p. 67-82.

VINDOLANDA Tablets Online. [Oxford: Vindolanda Tablets Online, 2022]. Disponível em: <http://vindolanda.csad.ox.ac.uk/>. Acesso em: 20 set. 2022.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

WOOLF, Greg. *Becoming Roman: the origins of provincial civilization in Gaul*. Cambridge: CUP, 1999.



Notas

¹Doutor em História Cultural. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

²Todos os anos mencionados aqui são da EC (Era Comum)

³O termo bárbaro aparece aqui como mera reprodução da percepção tida pelos autores na Antiguidade. Não é possível utilizar bárbaro como conceito identitário válido na historiografia atual. Há, contudo, uma grande discussão a respeito das questões de etnicidade no mundo romano que debatem conceitos de aculturação e mudanças identitárias e como a dicotomia bárbaro *versus* romano está carregada de discursos eurocêntricos e colonialistas. Entre as obras aqui recomendadas para acessar tais debates com maior verticalidade estão *Becoming Roman* de Greg Woolf (1999) e *Ways of Being Roman* de Louise Revell (2015).

⁴Aqui referenciada como SHA, e sempre a parte dedicada à vida de Adriano, a não ser quando mencionado outro imperador.

⁵Neste texto, optei pela o nome gentílico britão para designar, na Antiguidade, os habitantes nativos das ilhas que compõem, grosso modo, a atual ilha da Grã-Bretanha. A nomenclatura é genérica e não dá conta da diversidade de identidades que devem ter existido. Todavia, auxilia na melhor identificação e diferenciação didática das populações nativas daquelas que chegam do continente, por exemplo. Não há forma canônica para se referir aos nativos da chamada Bretanha Romana em português. Mas, por vezes, surgem como bretões na literatura. Trata-se muito mais de uso consuetudinário. O próprio nome da província pode aparecer como Bretanha Romana (tradução direta do inglês *Roman Britain*), Britânia (tradução do latim *Britannia*) ou apenas Bretanha. O termo britão, oferece uma maior proximidade com a forma em inglês, *briton*, e não gera confusão com a região moderna no noroeste da França e seus habitantes, a região administrativa da Bretanha (*Bretagne*).

⁶Tácito é outro grande escritor romano que dá detalhes sobre a vida na *Britannia*, mas o período de que trata antecede ao do governo de Adriano. Em sua obra *Agricola*, Tácito relata os feitos do governador de mesmo nome, que era, também, seu sogro. Importante frisar que a conquista da *Britannia* anunciada por Tácito durante a gestão de Agrícola não significou o controle total da ilha, e conflitos armados entre britões e populações localizadas mais ao norte contra as tropas romanas despontaram em diversas ocasiões a partir do séc. II (MATTINGLY, 2007, p. 120).

⁷Para mais informações, ver: Vindolanda... ([2022]).

⁸Uma nova muralha, a de Antonino, foi posteriormente construída. O novo *limes* era muito mais simples e muitas das fortificações da Muralha de Adriano foram movidas mais para o norte. Ainda assim, é difícil dizer que a Muralha de Adriano tenha sido uma empresa inútil do ponto de vista defensivo. Do ponto de vista político-cultural, a muralha é um marco fenomenal na história do Império Romano e de tempos posteriores. Seus efeitos na modernidade, no pensamento histórico, são indelévelis.

⁹A estátua cuja cabeça havia sido cortada grosseiramente deveria ser vista de frente e provavelmente teria sido exibida de maneira proeminente dentro de um nicho no novo fórum. A maioria dos estudiosos conclue que a cabeça foi removida da estátua na Antiguidade Tardia, provavelmente por iconoclastas. No entanto, não há evidências disso. **Uma vez que tanto o fórum quanto a basílica foram amplamente danificados**



pelo fogo no período de Adriano, é difícil imaginar como a estátua teria escapado da destruição neste momento, a menos que tivesse sido movida. Isso sugere um contexto alternativo para os eventos que resultaram em sua decapitação e o descarte da cabeça de Adriano nas águas do Tâmis. Existem outros casos de cabeças sendo removidas de estátuas imperiais e jogadas em rios em atos ritualísticos de profanação análogos ao abuso aplicado às cabeças-troféu. Aqui, a decapitação da imagem imperial espelhava o abuso de cadáveres e poderia ter simbolizado a rejeição da autoridade imperial de Adriano, ao mesmo tempo em que se baseava na prática mais ampla do descarte ritual de partes do corpo de estátuas de bronze na água para expulsar espíritos da imagem. Esse evento poderia ter acontecido logo após a estátua ter sido erguida pela primeira vez, e não séculos depois, salvando, involuntariamente, a cabeça dos danos causados pelo fogo (PERRING, 2017, p. 52, grifo nosso, tradução nossa).